



II FÓRUM INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO
VI SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO
XIV FÓRUM NACIONAL DE EDUCAÇÃO
XVII SEMINÁRIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA
De 27 à 30 de abril de 2016 na Universidade de Santa Cruz do Sul.

O SENTIDO DO TRABALHO DE CAMPO NAS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS EM EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS E A PRODUÇÃO ACADÊMICA¹

Vanessa Dal Pizzol²-UPF

Luana Bonavigo³-UPF

Flávia Eloísa Caimi⁴-UPF

GE: Pesquisa e Educação Básica.

Resumo

Considerando a importância do trabalho de campo realizado nas pesquisas etnográficas, o presente artigo resulta de um estudo teórico efetivado por meio de revisão bibliográfica, e da análise de dissertações produzidas e disponibilizadas no Banco de Teses da Capes. O estudo tem o propósito de construir um referencial necessário na identificação de questões, como objetivos, finalidades e exigências que dizem respeito ao trabalho de campo realizado no processo de produção de conhecimento nas pesquisas etnográficas em educação. Foram analisadas a metodologia desenvolvida em quinze dissertações que adotam como campo de pesquisa a escola, a análise deste corpus documental permitiu reconhecer como é

¹ Grupo de Estudo 5 Pesquisa e Educação Básica.

² Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo/RS – UPF; E-mail: dalpizzolvanessa@yahoo.com.br. Bolsista PPGEDU/UPF.

³ Discente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo/RS – UPF; E-mail: luanabonavigo@gmail.com. Bolsista PPGEDU/UPF.

⁴ Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo/RS – UPF; E-mail: caimi@upf.br.

desenvolvida, nos estudos etnográficos, a produção de dados. A partir do levantamento teórico foi possível caracterizar a etnografia e o trabalho de campo, contudo reafirmou-se a importância teórica e empírica efetuada nas pesquisas etnográficas.

Palavras-Chave: Etnografia, Educação, Trabalho de campo.

INTRODUÇÃO

Tudo que me toca me faz ver. E me pergunto o que vim fazer aqui? Nesse exato momento em que o olho procura mira, não poderia me responder. Só chegando, acalmando o olhar e vendo de perto, e voltando a ver novamente, com calma e cuidado, observando as grandezas minúsculas, estranhando e me entregando ao espanto. Tudo aqui de tão próximo se distancia de mim. Ainda não sei a que vim, mas, aqui meus olhos, fincados no movimento da escola, me respondem: É preciso ver de ouvir!⁵ (PEREIRA, 2012, p. 16)

No âmbito das pesquisas qualitativas em educação apenas adentrar em um campo não é garantia por si só de um exame profundo e detalhado do ambiente natural dos dados. O sentimento exposto na epígrafe reflete os processos enfrentados pelo pesquisador que em busca de seu foco de investigação opta pela produção de dados em campo. Frequentar os locais de estudo, observar o contexto, buscar informações e ser parte do espaço fazem do pesquisador o principal instrumento de sua investigação. Para compreender, analisar e descrever o indivíduo e suas experiências é preciso ir além, não basta apenas estar no ambiente, as situações cotidianas são ricas em detalhes e por instantes é possível que se perca o foco e se deixe invadir pelo sentimento da angústia. As inquietações exigem do pesquisador movimento de análise do seu próprio trabalho, é preciso acalmar o olhar e sentir de perto, observar e se entregar as grandezas encontradas em cada detalhe que rodeia aquele espaço.

Como destaque primordial a metodologia da investigação qualitativa busca o estudo voltado ao contexto natural, com o objetivo de compreender os fenômenos partindo dos personagens protagonistas e de analisar o processo envolvido em todo o conjunto de variáveis (ESTEBAM, 2010). As pesquisas realizadas em educação abrangem um contexto permeado de identidades, ao momento em que se buscam apreciar analiticamente os diferentes significados atribuídos por todos os envolvidos na pesquisa, atribui-se relevância aos processos educativos que precisam ser analisados empiricamente.

⁵ Trecho retirado da dissertação da Vanderléa Andrade Pereira, a descrição representa o primeiro rabisco etnográfico feito em diário de campo.

Tendo em vista a gama de fatores que envolvem o pesquisador em um estudo do tipo etnográfico esse artigo tem como objetivo identificar algumas questões que dizem respeito ao trabalho de campo realizado no processo de produção de conhecimento nas pesquisas etnográficas em educação, partindo de concepções teóricas e da produção acadêmica realizada na área⁶.

A ETNOGRAFIA E SEU USO NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

A etnografia é uma perspectiva de pesquisa que busca conhecer profundamente a um grupo, e na cultura contemporânea está sendo amplamente utilizada no âmbito escolar, na compreensão dos processos educativos. Para André (2008, p. 25), etnografia significa “descrição cultural”, definição que se assemelha às ideias de Angrosino (2009), que a caracteriza como a descrição de um povo, o estudo das pessoas em grupos, nas comunidades ou sociedades, e não os indivíduos isoladamente, “é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças” (p. 30).

André (2008) sintetiza a ideia de vários autores e destaca que as finalidades da pesquisa etnográfica estão no compreender o particular de uma situação, em sua complexidade e totalidade e retratar o dinamismo o mais próximo possível do seu acontecer natural. Angrosino (2009), por sua vez, apresenta como finalidade o estudo de questões ou comportamentos sociais que ainda não são claros, buscando conhecer a perspectiva das próprias pessoas sobre as questões levantadas.

Para André (2008), há que atender ao princípio básico da etnografia, que é a relativização, para o que se faz necessário o estranhamento, entendido como um esforço deliberado de distanciamento da situação investigada para tentar apreender os sujeitos ou grupos estudados. Outro princípio defendido pela autora é a observação participante, que permite ao pesquisador a interação, afetando e sendo afetado pela situação. Ao realizar as leituras das referências, é possível perceber o diálogo de ideias, pois assim como André (2008), Angrosino (2009) também defende a importância da observação participante como um estilo pessoal de pesquisar que é adotado pelos pesquisadores na prática etnográfica.

⁶ O estudo foi realizado por meio de revisão bibliográfica, utilizando como referencial teórico o interpretativismo para compreender o fenômeno, tendo como base metodológica empírica a busca de dissertações no Banco de Teses da Capes – Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior.

Na etnografia é possível um olhar sobre o todo, a escola, a comunidade, as vivências e relações estabelecidas, na qual o pesquisador tem papel importante e sua observação participante deve levar em conta o caminho que pretende seguir em suas observações, devendo manter um olhar atento, compreendendo a realidade na qual vai atuar, e a maneira como agir sobre ela, tendo o tato para adentrar no campo de pesquisa, pois a relação estabelecida com os sujeitos é ponto fundamental para produzir as informações necessárias para uma pesquisa de qualidade.

Esse primeiro momento vai dar início a todo o processo que varia durante o estudo, e é possível pensar no pesquisador como sujeito ético, tendo clareza e delimitando no campo de pesquisa o que será pesquisado, além de conhecer suas habilidades e limitações, um estudioso que busque o rigor metodológico, o olhar de pesquisador e a fidelidade dos dados obtidos, sem prejudicar as relações estabelecidas e a dinâmica natural.

Além da postura do pesquisador na entrada no campo, se faz necessário a organização de como essa pesquisa será realizada. A prática etnográfica exige um esforço intelectual, como afirma Geertz (2008, p.4) é necessária uma “descrição densa” que possibilite estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante.

Neste sentido, Lüdke e André (1986) apontam três etapas para a realização da pesquisa etnográfica: a exploração, que envolve as escolhas de campo e sujeitos, bem como as primeiras observações e aproximações no e com o contexto da investigação; a decisão, que implica nas escolhas dos dados relevantes, das fontes e até dos instrumentos; e a descoberta, que consiste na explicação da realidade e na forma de situar as várias informações produzidas em campo num contexto mais amplo, holístico.

O TRABALHO DE CAMPO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Ao buscar a compreensão dos fenômenos diretamente em seu contexto o pesquisador mergulha em um território de relações cotidianas entre sujeitos. Trata-se de adentrar em um território onde, para os indivíduos que o frequentam, ocorrem processos historicamente estabelecidos, que fazem parte da vida daquela comunidade em geral. Sarmiento (2011) considera que a investigação científica se dá através de um diálogo interior com a produção realizada, partindo da concepção de que o principal instrumento é o próprio investigador que deve experimentar o campo, inquiri-lo e examiná-lo.

Lüdke e André (1986) ao tratar do papel do investigador referem ser desafiador por exigir habilidades e tarefas para a eficácia do seu trabalho. De acordo com as autoras, apoiando-se nos estudos de Hall⁷, existem características essenciais para a prática no trabalho de campo, a pessoa deve ser tolerante a ambiguidades, capaz de “trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesma e aos outros, madura e consistente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais” (p. 17)

De acordo com Bogdan e Biklen (2010, p. 113) o investigador deve buscar encorajar os participantes, deixando-os à vontade para relatar suas confidências, para isso é necessário que o sujeito “regista de forma não intrusiva o que vai acontecendo e recolhe, simultaneamente, outros dados descritivos. Tenta aprender algo através do sujeito, embora não tente necessariamente ser como ele. Pode participar de suas atividades, embora de forma limitada”. Na visão de Geertz (2008) o pesquisador deve buscar a aceitação do sujeito para que possa prosseguir em sua pesquisa, além disso se faz necessário um esforço intelectual no sentido de representar, interpretar e reconstruir as cenas no campo obtidas através de um diálogo com a teoria.

André (1995) refere que nos estudos do cotidiano é preciso estudar o campo em todas suas dimensões. O trabalho de entrar em um campo exige do investigador um contato direto com a dinâmica envolvida, é preciso considerar a situação concreta da escola, da comunidade, do professor, da coordenação e dos alunos. Para Angrosino (2009) o investigador deve perceber o cenário através de seus cinco sentidos, o que exige registros objetivos e um envolvimento na busca de padrões que são identificados na cultura do grupo. Para que se faça possível esse trabalho investigativo o pesquisador precisa ser, como afirmam Bogdan e Biklen (2010), empático e reflexivo.

Seguindo com o pensamento dos autores, Bogdan e Biklen (2010) levantam algumas condições enfrentadas pelo pesquisador ao realizar o trabalho de campo. Primeiramente, o pesquisador só pode iniciar seus estudos após o consentimento dos participantes e para isso será necessário explicar seus objetivos e interesses. Ao ingressar no campo, nos primeiros dias é comum situações de estranhamento e insegurança, será preciso desenvolver a confiança ao longo do tempo. No decorrer dos estudos surgirão questionamentos referentes a participação

⁷ Hall G. E. Apresentou suas experiências, no estudo *Ethnographers and ethnographic data, an iceberg of the first order for the research manager*, em Toronto, 1978, nas reuniões da American Educational Research Association (AERA).

do investigador nas atividades do contexto, o tempo de duração de cada observação, ao posicionamento frente as piadas e brincadeiras, que desafiarão a relação observador/participante. Para os autores ser investigador significa interiorizar-se o objetivo da investigação, à medida que se recolhem os dados no contexto” (2010, p. 128).

Ao estar face a face com os participantes em seu cenário natural, o pesquisador precisa colocar-se em situação distante dos sujeitos de modo a fugir do senso comum, controlando seus preconceitos e suas limitações. André (1997) coloca a necessidade de controlar a subjetividade, deve haver um esforço teórico e metodológico por parte de quem pesquisa, a teoria deve caminhar ao lado da observação, ao colocar-se em uma situação de estranhamento estará policiando seu trabalho de modo a garantir um rigor científico. Esse mesmo pensamento é levantado por Geertz (2008) quando afirma a necessidade do estranhamento para o pesquisador apreender os acontecimentos com seus devidos significados.

Nessa mesma perspectiva, Sarmiento (2011) cita a necessidade de o investigador adotar uma postura de equilíbrio diante das contradições que são inevitáveis no campo, nem se envolver efetivamente de forma emocional, intelectual e emotiva, tampouco colocar-se em uma situação de distanciamento da realidade, mas sim ficar em uma posição estável que garanta as condições necessárias para a realização da pesquisa.

Entretanto, o trabalho de campo também traz algumas limitações, para André (1995, p. 44-45) os problemas enfrentados podem ser representados em três questões, a saber: “no desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, na falta de clareza sobre o papel da teoria e na dificuldade de lidar teórica e metodologicamente com a complexa questão objetividade x participação”. Bogdan e Biklen (2010, p. 145) corroboram com esse pensamento ao referir que existem questões que podem limitar a pesquisa, os sentimentos e os preconceitos do próprio investigador são fontes possíveis para que haja um enviesamento, além do mais “o investigador qualitativo não só precisa de saber trabalhar e recolher os dados, como também de ter uma boa ideia sobre o que os dados são”.

Diante do exposto, conta-se que é possível perceber a significância do trabalho realizado no campo e a implicância do investigador na efetivação da pesquisa. Como trata de gerar dados a partir da perspectiva dos próprios sujeitos, as ações do pesquisador também precisam ser analisadas, desse modo, todo o processo é interpretativo. O grande desafio está em saber trabalhar com envolvimento ao mesmo tempo que é necessário manter certo distanciamento, o pesquisador precisa estar em constante reflexividade e estranhamento.

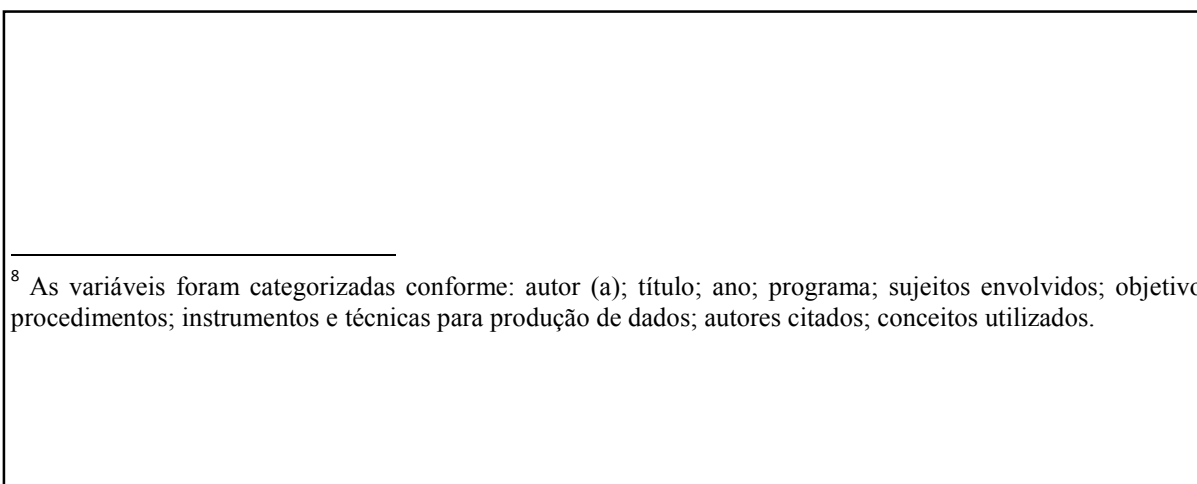
REFLEXÕES SOBRE A PESQUISA ETNOGRÁFICA NA PRODUÇÃO ACADÊMICA

O levantamento de todos os dados foi realizado a partir da busca no banco de teses da CAPES, em um primeiro momento acionamos o banco de teses escrevendo no descritor o termo etnografia, em todos os campos que continham a expressão, o que resultou em um total de 485 registros. Optamos por investigar apenas as dissertações, restaram desse total 358 produtos, entre estudos de mestrado acadêmico e profissional, posteriormente, desse montante delimitamos nossa amostra às dissertações onde o campo privilegiado de pesquisa foi o escolar. Além do mais, contava-se com aquelas que estavam disponíveis na íntegra em bases online, restaram assim 15 dissertações as quais foram todas utilizadas no presente estudo.

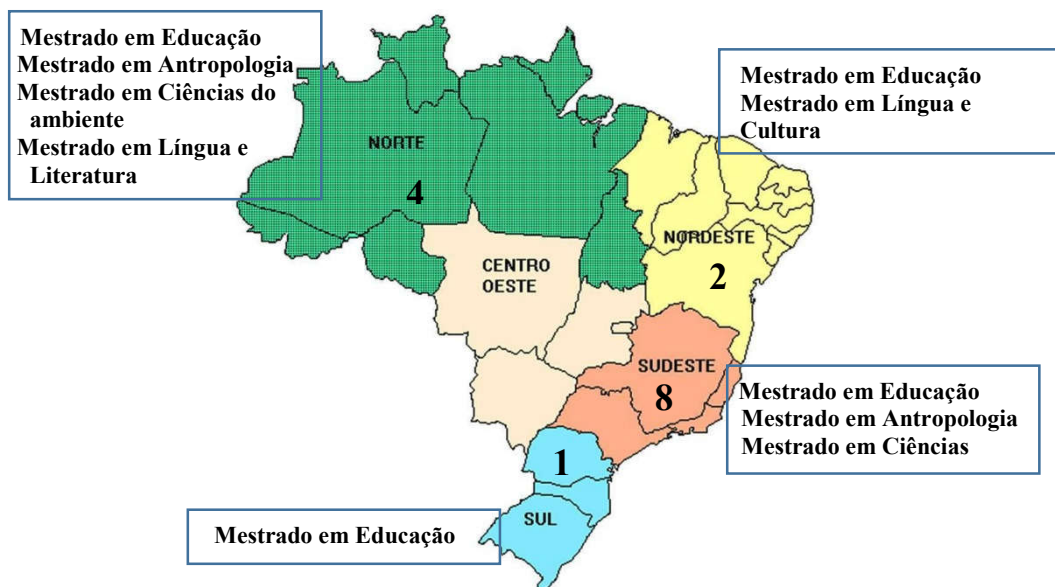
A fim de atingir os objetivos, foram analisados os capítulos metodológicos em sua íntegra. As dissertações que não continham um capítulo específicos foram analisadas partindo de sua introdução. No intuito de organizar os dados, os principais elementos foram caracterizados a partir de um conjunto de variáveis⁸ elencados em um banco de registros, a partir da apuração desses dados foi possível contemplar a totalidade das informações sobre o trabalho de campo realizado pelos autores, constituindo uma base para nossas interpretações.

O exame dos dados sistematizados evidencia que a maioria das dissertações se concentram nas regiões Sudeste e Norte do país. Há uma grande gama de estudos que se preocupam com os diferentes contextos educacionais, estudos sobre a escolarização de grupos indígenas, alunos surdos, escolas de periferia e de assentamento são destaques nos campos investigados. Quanto aos programas de pós-graduação em que as pesquisas foram realizadas, nove estão localizados na área de Educação, enquanto os outros programas estão situados nas áreas de Antropologia, Ciências, Língua e Cultura e Língua e Literatura, distribuídos conforme apresenta a Figura 1.

Figura 1. Mapa do Brasil com destaque nas regiões das dissertações e nos programas de Mestrado.



⁸ As variáveis foram categorizadas conforme: autor (a); título; ano; programa; sujeitos envolvidos; objetivos; procedimentos; instrumentos e técnicas para produção de dados; autores citados; conceitos utilizados.



Fonte: disponível online em site de pesquisa e editado pelas autoras.

Todas as dissertações buscam compreender o processo implicado na dinâmica escolar, sendo os sujeitos envolvidos alunos, professores, diretores ou demais funcionários. O foco investigativo não são os resultados, mas sim a trama do desenrolar dos dados. Os dados expostos na Tabela 1 demonstram que enquanto umas pesquisas buscam apenas a compreensão do aluno, outras, na perspectiva de aprofundar mais o tema envolvido, também se reportam aos professores e demais envolvidos na dinâmica escolar em sua investigação.

Tabela 1. Distribuição dos sujeitos envolvidos nas pesquisas

<i>Sujeitos</i>	<i>Número de pesquisas</i>
<i>Alunos</i>	6
<i>Professores</i>	1
<i>Alunos e Professores</i>	2
<i>Alunos, professores e demais profissionais (gestores, técnicos, funcionários administrativos)</i>	6

Fonte: Banco de Teses da Capes

Considerando que o enfoque da análise está consubstanciado na metodologia realizada nas pesquisas, foi possível perceber que nem todas as dissertações optam por apresentar detalhes metodológicos. Nos estudos analisados nove apresentam um capítulo metodológico específico, enquanto os restantes referem a metodologia no decorrer da introdução. É possível verificar nitidamente aqueles autores que detêm grande preocupação com o caminho metodológico traçado e assim, passam ao leitor maior segurança sobre os resultados obtidos.

A leitura analítica do material possibilitou perceber que todos os trabalhos realizados com produção de dados são fortemente amparados por discussões teóricas. A realização dos estudos exigiu previamente um contato com autores que discorrem sobre a problemática a ser enfrentada. Ao descrever sobre etnografia, os autores que mais se destacam nas dissertações

são Clifford Geertz e Marli E. D. A. de André. Quando o assunto em questão é a observação participante ou abordagens sobre pesquisa qualitativa são destaques os pensamentos de Marli André. Os estudos da autora são fortes influentes nas pesquisas qualitativas em educação e apresentam relevantes discussões sobre o trabalho do pesquisador.

Quanto ao trabalho realizado no campo, foi possível averiguar uma gama de sentimentos e aflições que afetam o pesquisador durante todo o processo. Adentrar em um campo gera uma gama de expectativas em todos os participantes, a forma como o investigador transitar pelo meio, mesmo diante de suas próprias angústias, define o caminho que o estudo percorre. A presente análise irá destacar em seu transcurso fragmentos das dissertações que refletem os anseios enfrentados pelos autores.

No percorrer da análise, podemos notar que as dificuldades traçadas são características recorrentes nas pesquisas e quando um obstáculo é ultrapassado surgem outros a serem enfrentados. Nessas situações é perceptível a grande recorrência teórica que ampara os autores e os ajuda a buscar seus objetivos, por isso consideramos a influência teórica fortemente definidora na construção de uma pesquisa com rigor metodológico.

Descia do ônibus, depois de quarenta minutos entre asfalto, cascalho e areia, e a escola bifurcava meninos e bodes num frenesi de começo de dia. Estava lá, numa escola, numa comunidade cheia de tantas coisas e gentes, e, tudo parecia imenso para o meu tamanho (PEREIRA, 2012, p. 30).

O momento de maior angústia do pesquisador está nas primeiras aproximações com o campo. Aqueles que atuam na escola escolhida sofrem as dificuldades de livrar-se do profissional e ser visto nesse momento como pesquisador. Já para quem não conhece o campo a problemática está na aproximação e aprovação necessária para realização da pesquisa. Para ambos os casos foi preciso livrar-se de preconceitos e ideias pré-existentes.

Foi nesse contexto de um certo reencontro marcado por um forte sentimento “saudosista” e de “familiaridade”, em que revíamos amigos de profissão, ex alunos e seus familiares, que, de imediato, nos lançavam a seguinte pergunta. “Voltou, professor?” (ROCHA, 2012, p. 107).

É comum nas pesquisas realizadas em um contexto escolar, que questões pessoais e profissionais estejam intrincadas, a maioria dos estudos dessa amostra são realizados em situações em que os pesquisadores já se encontraram previamente, ou na situação de aluno ou de professor, por isso o papel do investigador é determinante, sua conduta diante de cada episódio refletirá na construção de seu estudo.

As primeiras aproximações me deram uma sensação desconfortável com as participantes, pois estas se mostravam silenciosas, resistência que foi se quebrando com outras conversas e esclarecimentos. No caminho, a relação de confiança já estabelecida, as professoras já compartilhavam angústias, ideias e sonhos com minhas observações (PEREIRA, 2012, p. 41).

Podemos perceber que durante o percurso de produção de dados o pesquisador vai se tornando mais seguro na medida que se depara com questões angustiantes, mas passíveis de compreensão. O trabalho investigativo exige estar implicado com seus objetivos, é preciso ser passivo e tolerante, a imparcialidade é ponto chave na dinâmica do contínuo observador/participante.

Dentro das escolas, pretendi me posicionar como ensina Bogdan, (1994, p.125), uma observadora completa, “que não participa em nenhuma das atividades do local onde decorre o estudo”, e procurei olhar as cenas, segundo o mesmo autor, “através de um espelho de um só sentido”. Porém no decorrer da observação, vi que alguns alunos já percebiam a minha presença [...] (MONTEIRO, 2011, p. 48).

Desse modo, percebemos que o trabalho de campo é desafiador, se observarmos a riqueza dos detalhes é possível que muitos trabalhos surjam da investigação etnográfica. O autor se constrói como investigador conforme o papel que ele assume no processo de produção de dados, e aquele que iniciou com um turbilhão de sentimentos, sai do campo com muitos outros, porém essa dinâmica é capaz de transformar a visão de quem pesquisa e ir além do que previamente estava estabelecido.

Entretanto, podemos notar que só é possível avançar com uso de técnicas e métodos adequados, esses permitem uma reconstrução constante, levando em conta os objetivos buscados, bem como as técnicas utilizadas e a teoria estudada, sendo uma direção à pesquisa realizada. Na análise, podemos notar que as técnicas que corroboram na produção de dados, além da observação participante, são escolhidas a partir das demandas que surgem no decorrer do estudo, o mais comum é o uso de entrevistas e análise documental.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou compreender o processo de produção de conhecimento nas pesquisas etnográficas em educação, através do estudo teórico construído por meio de revisão bibliográfica, e na busca por dissertações, acreditando que a construção do saber se faz

permeada de aspectos teóricos e metodológicos que envolvem procedimentos dinâmicos, com idas e voltas, obstáculos epistemológicos a serem superados na prática investigativa.

E considerando a construção teórica, com as palavras de Geertz (2008), a pesquisa etnográfica é “descrição densa”, pois é estabelecer relações, é o autorizar e ser autorizado, é analisar o contexto e não fatos ou pessoas isoladamente, é analisar a vida em seu cotidiano, e exige tempo e qualidade de pesquisa, planejamento e organização que vão se moldando com o a prática, são técnicas e métodos, que permitem registrar momentos, histórias, falas e memórias do sujeito pesquisado e também do pesquisador, é criar vínculos, e buscar na vida e nas relações as contribuições para o embasamento teórico, é ser pesquisador, mantendo o rigor metodológico, o olhar participante e a ética.

Vale apontar, na análise das dissertações, que todas buscam compreender o processo implicado na dinâmica escolar, sendo os sujeitos envolvidos alunos, professores, diretores ou demais funcionários, o foco investigativo na trama do desenrolar dos dados. E assim foram observadas as relações e como são apresentadas, a metodologia, o forte amparo nas discussões teóricas, a gama de sentimentos e aflições que afetam o pesquisador durante todo o processo, a escolha do campo, e os primeiros contatos, na maioria ambientes de convívio dos pesquisadores e as dificuldades encontradas, a dinâmica do contínuo observador/participante, a construção de investigador conforme o papel que ele assume no processo de produção de dados, e o uso das técnicas e métodos utilizados, na concretização da pesquisa etnográfica.

Por fim, retornamos à epígrafe apresentada, em que Pereira (2012) afirma que “É preciso ver de ouvir”, e finalizamos acreditando que é preciso ver de ouvir, de sentir, de vivenciar e de acreditar, de vigiar, sobre o contexto no qual a pesquisa se constrói.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: **Metodologia da pesquisa educacional**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. 3.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

_____. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papyrus, 1995. 130 p. (Prática Pedagógica)

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução de José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K.. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 2010.

CARMO, E. da S. R. do. **Herdando uma biblioteca: uma investigação sobre espaços de leitura em uma escola da rede pública estadual.** 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, 2012.

DIAS, M. T. de M. **O papel da linguagem em uso na sala de aula no processo de apropriação da leitura de crianças e jovens e adultos.** 2011. Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

DINIZ, L. L. **Relações e trajetórias sociais de jovens Baniwa na escola pamáali no Médio Rio Içana, Noroeste Amazônico.** 2011. Dissertação (Mestrado acadêmico em Antropologia Social) – Universidade Federal do Amazonas, 2011.

ESTEBAN, M. P. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

FERREIRA, E. dos S. **O Ensino de ciências naturais: uma proposta intercultural nos anos iniciais na escola municipal Aleixo Bruno na comunidade indígena Terra Preta.** 2012. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Ensino de Ciências) – Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

FERREIRA, G. P. de C. **Escola de tempo integral e letramento literário: um estudo sobre a formação de leitores.** 2011. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, 2011.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, C. **La interpretación de las culturas.** Barcelona: Gedisa, 1992.

GREGORIO, M. K. de S. V. **A influência das expectativas de uma professora em relação à aprendizagem da escrita de alunos que vivem em situação de vulnerabilidade social.** 2011. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MARQUI, A. R. **Tornar-se aluno indígena: a etnografia da escola Guarani Mbya na Aldeia Nova Jacundá.** 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Antropologia Social) – Universidade de São Carlos, 2012.

MACENA, E. H. de. **O desempenho escolar de alunos da periferia: elementos para uma etnografia de construção de representações sobre o fracasso escolar.** 2011. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação e Saúde na infância e na adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, 2011.

MONTEIRO, M. da G. T. **Inclusão escolar**: percepções e práticas docentes. 2011. Dissertação (Mestrado acadêmico em Educação) – Centro de Teologia e Humanidades, Universidade Católica de Petrópolis, 2011.

PEREIRA, V. A. **O livro didático da prática pedagógica de professoras**: usos que se revelam no Semiárido Brasileiro. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da educação, Universidade Federal do Piauí, 2012.

ROCHA, M. L. **Desvelando os processos de escolarização de alunos surdos no cenário da EJA**: um estudo de caso. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Pedagógico, Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Coord.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

SCOPEL, E. G. **Os olhares acerca do processo de construção dos projetos políticos pedagógicos dos cursos técnicos integrados ao ensino médio de jovens e adultos no contexto do Ifes campus Vitória**. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, 2012.

SILVA, J. B. **Crianças assentadas e educação infantil no/do campo**: contextos e significações. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências) – Universidade de São Paulo, 2012a.

SILVA, R. M. **A escola Mura**: entre concepções políticas e práticas interculturais e o contexto educacional da aldeia de São Félix. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, 2012b.

SOUZA, F. H. C. de. **A escola como espaço de (in) coerências**: a prática da educação ambiental para formação de sociedades sustentáveis em duas escolas do município de Manaus. 2012. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Amazonas, 2012.